

<https://doi.org/10.35520/diadorim.2011.v8n1a7977>

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010. 768p.

por *Eliete Figueira Batista da Silveira*¹

A *Nova Gramática do Português Brasileiro*, de Ataliba de Castilho, é uma obra coletiva, uma vez que é fruto de anos de pesquisa realizada nos diferentes projetos dos quais Castilho foi idealizador-pesquisador e rompe com o que se pressupõe ser uma gramática: conjunto de prescrições e descrições de sincronias passadas que, frequentemente, não se relacionam com o presente, com a língua falada(e escrita) no dia a dia. Trata-se do mais atualizado registro da norma falada no território nacional e revela a interrelação entre categorias gramaticais e categorias cognitivas.

A sua preocupação em nada se relaciona à visão maniqueísta de certo *versus* errado presente em uma gramática tradicional, mas objetiva "acrescentar um elo a mais na longa tradição das gramáticas de referência" (p. 33), com base em suportes teórico-metodológicos mais precisos. Para tanto, inicia sua obra com um verdadeiro manual de instruções de como consultar sua gramática, não privando o leitor do entendimento do texto pelo desconhecimento de quaisquer termos técnicos elucidados num glossário (p. 663-696). Em seu capítulo inicial, apresenta a discussão acerca do conceito de *língua* e *gramática*, a fim de que se entenda a perspectiva adotada para confecção de uma gramática descritiva da língua falada.

¹ Docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Língua Portuguesa.

Discutindo o conceito de língua como um multissistema (cap. 2, p. 107-168), Castilho propõe que sua função não se limita a estabelecer comunicação, provando isso por demonstrar que o *léxico*, a *semântica*, o *discurso* e a *gramática* passam por um dispositivo sociocognitivo, transformando a língua em instrumento de “construção do pensamento”. É assim que estão facultadas ao sistema linguístico as possibilidades de *lexicalização*, *semantização*, *discursivização* e *gramaticalização*, resultantes de processos cognitivos pelas quais as formas se modificam, se atualizam, desaparecem.

Ainda com a preocupação em realizar uma obra que forneça verdadeiramente subsídios para a reflexão sobre a língua como entidade dinâmica e plural, Castilho apresenta a história da Língua Portuguesa, estabelecendo uma relação entre aspectos sociais e mudança linguística. Discorre acerca das línguas que determinaram o “português brasileiro”, bem como menciona as diferentes direções da discussão ainda premente acerca de suas origens: o Português do Brasil (PB) como resultado (a) da evolução biológica do Português Europeu (PE); (b) das influências indígenas e africanas; (c) da continuação natural do PE, ou seja, PE do século XV.

Em seu quarto capítulo, Castilho apresenta alguns dos pressupostos básicos da Sociolinguística: “as línguas são constitutivamente heterogêneas”, “variação e mudança são propriedades linguísticas que não impedem a intercompreensão”. Em seguida, explica que a diversidade está relacionada a aspectos regionais, sociais, individuais, ao canal e ao tema em que a língua se manifesta. O autor descreve características linguísticas das normas culta e popular, esquecendo-se de que, sendo a língua um diassistema, é difícil estabelecer o que se produz numa e noutra norma. Se há um *continuum* fala-escrita, é perfeitamente concebível que os usos mesquem diferentes normas (cf. p. 197-223).

Porque sua obra analisa o português falado, Castilho se detém na apresentação dos aspectos relevantes da conversação e do texto. Habilita os interessados a procederem a uma transcrição conversacional, bem como a entenderem as diferentes estruturas que surgem numa interação comunicativa (cap. 5). E, somente depois de fornecer todas as bases à compreensão do estudo da modalidade falada, Castilho parte para as análises e descrições linguísticas, não as fazendo nos mesmos moldes e parâmetros da tradição, mas alicerçado em sólida teoria científica, nos mais atualizados estudos linguísticos e, o mais inovador, começando pela sentença (cap. 6).

Nos capítulos subsequentes (cap. 7, 8 e 9), é ainda a sentença o

foco da descrição e análise, descrevendo a sua estrutura argumental e a colocação dos argumentos no enunciado, ambas manifestações do *Princípio de Projeção*, bem como as propriedades sintáticas, discursivas e semânticas das sentenças e de seus elementos constitutivos. Castilho passa ao estudo da minissentença e da sentença simples, identificando as respectivas tipologias, chegando à sentença complexa, à combinação e integração de sentenças, à gramaticalização das conjunções. Ao discutir o estatuto da "oração principal", revela a própria dificuldade em designá-la de forma única. Castilho opta, então, por nomeá-la de acordo com o seu estatuto: será *primeira coordenada*, em se tratando de coordenação; será *primeira correlata*, na correlação, e *matriz* na subordinação.

Feitas as considerações acerca das sentenças, Castilho apresenta amplo estudo dos sintagmas verbal, nominal, adjetival, adverbial e preposicional, discutindo não apenas aspectos estruturais, mas descrevendo os seus elementos constitutivos, a sintaxe das construções, sua semântica e funções discursivas (cap. 10, 11, 12, 13 e 14). Sobre o núcleo verbal, p.e., além de ampliar as discussões contempladas na tradição sobre suas categorias (pessoa, modo e tempo), incorpora os estudos de gramaticalização, envolvendo a passagem de verbos plenos a auxiliares, assim como à categoria de verbo-suporte. Em relação ao nome, inclui as discussões advindas da *Teoria dos Espaços Mentais*, bem como a propriedade dessa categoria de estabelecer a referência no texto. Quanto aos adjetivos e advérbios, além das diferenciações entre substantivos e adjetivos, destaca aspectos semânticos dessas categorias que podem atuar como modalizadores, qualificadores, quantificadores e classificadores. Soma-se a isso a relação do adjetivo e do advérbio com os modos de organização do discurso e gêneros textuais, respectivamente. Por último, amplia os conhecimentos acerca das preposições, descrevendo aspectos da gramaticalização por que passaram e/ou passam e apresentando as características semânticas espaciais.

Finalizando sua gramática, Castilho propõe um percurso contrário ao que conduziu toda a sua obra: parte "das categorias cognitivas para as estruturas que as representam" (p. 611), para mostrar que "*muitas representações linguísticas (...)* relacionam-se na verdade a *poucas categorias cognitivas*" (p. 611). Unindo informações de gramáticos pretéritos às dos mais atualizados pesquisadores, Castilho articula os saberes de maneira magistral, conduzindo o leitor à pesquisa, à reflexão científica, convidando-o a fazer parte desse universo onde há muito a descobrir. Além disso, o último capítulo apresenta um manual de como ser pesquisador, incluindo sugestões de pesquisa.

Resta concluir que a obra é imprescindível ao cotidiano de alunos e professores, de graduação ou pós-graduação, que pretendam ser profissionais qualificados e/ou pesquisadores. Importa também àqueles que desejam ter uma obra de referência, um guia de estudos, uma fonte de consulta, escrita numa linguagem clara e simples.